

Relações íntimas de presença e ausência: laços de vida e morte

Maria Aparecida Sidericoudes Polacchini^[1]

RESUMO: Este texto mostra parte de uma experiência analítica em que as relações íntimas de presença e ausência propiciaram um vínculo analítico em transformações, com a oportunidade de desenvolver o conhecimento, a capacidade de “tornar-se” e a consciência da efemeridade através das cesuras vividas. Entretanto, a cesura de morte da paciente surpreendeu a analista, cuja elaboração do luto se realizou através da escrita, presentificando, desse modo, a ausência sentida e ressignificando os laços de vida e morte.

PALAVRAS-CHAVE: presença, ausência, cesuras de vida, cesura de morte, elaboração

1. Psicóloga. Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e membro efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) e do Grupo de Estudos de Psicanálise de São José do Rio Preto e Região (GEP Rio Preto).

I

Nascemos carregando influências do ambiente, esse outro social, cultural e histórico que nos antecede e nos circunda. Na visão bioniana elas compõem na forma de pré-concepções do seio/mente pensante da mãe, do Édipo, do *self*, como “repertórios antecipadores” (Grotstein, 2017/2010) de experiências a se realizar com o outro – na visão de Martin Buber (1974/2003), da filosofia mítica judaica, o tu dentro do eu antes do próprio eu.

Na relação de *rêverie* com a mãe, primeira representante social e cultural, ou seja, simbólica, o ser vai se constituindo, realizando as primeiras pré-concepções, laços primordiais que estabelece com o mundo. Segundo Buber (1974/2003), “o homem se torna Eu na relação com o Tu” (p. 32). Com o desenvolvimento, criam-se outras relações para além dos objetos primários e do grupo familiar: vivenciam-se novas presenças, novas buscas e novos encontros, possibilitando continuidade da realização das pré-concepções, novas reciprocidades, possibilitando novas ligações, expandindo e fortalecendo o eu, promovendo identificações, escolhas, transformações e simbolizações. Experiências de satisfação e frustração, encontros e ausências, fundamentam a sobrevivência psíquica do eu e a expansão de sua relação com o outro e com a cultura, ampliando as possibilidades de identificação e simbolização do eu.

A situação analítica, como uma especial condição de experiências de presença e ausência, encontro e separação, satisfação e falta, perda e luto, possibilita expandir sentidos, reorganizar os laços afetivos e de conhecimento, e ampliar o eu e sua relação com o mundo, particularmente o fortalecimento da identificação com o processo de busca de si mesmo. De modo singular, analista e paciente se desenvolvem nessa direção. A continuidade do viver favorece ampliações pelas infinitas cesuras.

II

Com a paciente, já o primeiro encontro despertou-me empatia. Compreendi que sentimentos transferenciais ocorreram antes de iniciarmos a análise, ligação pré-estabelecida em palestras nas quais me ouviu em sua cidade, provavelmente tendo encontrado ali novos sentidos para sua existência e realização da pré-concepção da psicanálise. Ampliando essa questão para a relação continente-contido (Bion, 1970/1973), reconheci em sua fala uma expectativa de encontrar um continente/tu acolhedor aos conteúdos que buscavam abrigo para se desenvolver: “tenho muitas coisas que quero entender melhor”.

Sigo Bion (1985/2017), que considera provisória toda ideia que surge numa sessão, seja ela transferencial ou não. Assim, o processo analítico está relacionado a descobertas em trânsito, propiciadas pela experiência que só é possível naqueles laços, naquela parceria, com aquelas pessoas envolvidas e naqueles momentos de vida. O autor propõe, então, que investiguemos o vínculo transiente, o vínculo analítico em transformações, emoção e conhecimento entrelaçados e em movimento (Bion, 1977/1981). Para que isso

ocorra, Chuster et al. (1999) sugerem que analista e analisando devem ter consciência da transitoriedade dos fenômenos vividos.

Logo nas primeiras sessões a paciente trouxe como associação a gravidez de uma nora e de duas filhas e, alguns meses depois, o nascimento de três netinhos. Assim, as sessões foram se mostrando fecundas, nossas mentes se vinculando, ideias germinando e se expandindo. As circunstâncias de seu viver promoviam vida à análise, e a análise, tal como útero e seio, forças recriadoras, vitalizava seus sentimentos e pensamentos.

Inicialmente com mais temor, mas arriscando-se na nova experiência de deixar-se falar, ocorreu-lhe uma preocupação e dor por um neto muito querido, adolescente, que “falava tudo o que pensava, não tinha crivo”, o que nos possibilitou, então, compreender, a partir desse exercício de associação livre, o medo da própria loucura.

Esse tema se expandiu, e ela referiu-se à vergonha em relação ao pai que também “falava tudo o que pensava”, e à mãe, porque era “analfabeta”. Sentia-se em dívida consigo mesma em relação aos pais, por perdidos sentimentos amorosos por eles, já falecidos. Recuperar esses sentimentos era um dos motivos conscientes na busca pela análise. Compreendi que desejava recuperar seu sentimento de filiação, consideração às próprias origens e, sobretudo, a capacidade de amar.

Percebi que passei a representar tanto a mãe ideal, alfabetizada em psicanálise, quanto o pai ideal, à medida que, segundo ela, eu falava o essencial. Transferencialmente, essa fantasia de filiação me pareceu importante para ela recriar-se. À medida que eu representava os pais competentes para lidar com a vida e ela podia se nutrir dessa relação, tornou-se possível que a pré-concepção de encontrar alguém que lhe alfabetizasse em conhecimentos mais significativos, criativos e libertadores para a vida se realizasse, o que parece ter mobilizado mais confiança em si própria, por já não se sentir insuficientemente provisionada, compreendendo, ainda, que não era com os pais que alcançaria essa qualidade de conhecimento.

Essas questões transferenciais evoluíram para observações de sua realidade ali comigo, então novos laços foram se criando: disse-me que me percebia diferente do que ela imaginara, pois achava que eu ficaria mais calada nas sessões, era essa sua crença (paradoxal, pois foi a partir de palestras que decidi fazer análise comigo; me conheceu falando), mas gostava de como eu conversava com ela, isso ampliava sua visão. Percebi que crenças estavam sendo desconstruídas e a linguagem afetiva com a qual nos comunicávamos lhe estava sendo cada vez mais significativa. Lembrei-me do filme *Fale com ela*, de Almodóvar (2022), e lhe disse que ela realizava na relação comigo e com minhas palavras a expectativa de ampliar a própria vida, reavivar, recriar sua história, dando vida nova à sua mente com o que eu a ajudara a despertar e investigar.

Fantasias foram se modificando, e ela passou a associar situações amorosas vividas com os pais, lembranças de infância e juventude, reconhecendo quão alfabetizada em afetos tinha sido pela própria mãe. Deu-se conta de uma identificação com eles, especialmente com o pai, pelas suas características de compromisso e responsabilidade sociais, e com isso dava mostras de estar se reaproximando de

suas origens. Reconheceu o valor dessa identificação. Com cenas infantis ativadas, acompanhadas de sentimentos nostálgicos, mostrava estar restabelecendo, através de nosso vínculo, um resgate amoroso dos objetos primários, sentimentos de gratidão que ampliava à vida, fortalecendo o próprio eu com a expansão do processo de simbolização, alargando seu campo de interesse: mobilizada pelo entusiasmo com que vinha desenvolvendo o conhecimento sobre a mente, sobre o inconsciente, passou a se identificar com outra linguagem, a psicanalítica, assim, outra e nova filiação, deixando surgir a psicóloga que dentro delaurgia por nascer, com liberdade para expressar-se e tornar-se. Trouxe a observação de que em seu trabalho estava sendo capaz de conversar com seus pacientes sem o medo de ser inadequada que antes a perseguia e limitava. Mostrava estar desenvolvendo o método analítico de investigação, com o outro e consigo mesma. O conhecimento que antes acreditava que apenas o outro/analista detinha, agora se reconhecia também capaz de desenvolver, esse método com o qual se identificava com grande prazer.

Certa vez contou-me que em um dos intervalos entre suas duas sessões, caminhando pelas ruas próximas ao meu consultório, descobriu que este se situava a alguns quarteirões da casa onde morara na juventude. Disse-me que recordou suas vivências, mas não conseguiu identificar a casa, “sei que dava para uma praça”, disse ela, e com sentimento de nostalgia complementou: “está tudo mudado, as casas reformadas, tudo diferente”. Lembrei-me do livro *Tudo que é sólido desmancha no ar* (Berman, 1982/1997) e associei sua nostalgia à do narrador que, ao voltar à cidade e, especialmente, à rua onde viveu a infância e cresceu, não conseguiu reconhecer as ruas do passado, a casa onde viveu, tudo fora transformado pela modernidade. Ofereci essa ideia a ela, acrescentando que com isso afirmava seu sentimento de familiaridade para comigo, com a psicanálise, e que ela poderia estar percebendo também que, tal como a rua e a casa, ela já não era a mesma pessoa de antes. Foi então se dando conta de que não conseguia deter seu tempo, o das pessoas e das coisas. Mostrei-lhe em seguida que quando nos encontrávamos já não éramos mais as mesmas, assim como quando nos despedíamos, pois nos transformávamos com o nosso encontro. Num primeiro momento isso a impressionou muito, depois passou a observar que mudanças ocorriam continuamente – por vezes, uma palavra que surgia entre nós modificava a direção de nossa conversa – e foi se conscientizando de modo mais pormenorizado da realidade desse fluxo vital, das cesuras que configuram a vida e a análise, por laços de ideias que se desfazem e se refazem com novos significados.

Na sessão seguinte disse que gostaria de ter feito análise comigo bem antes, pelas experiências que vinha vivendo, com as descobertas que vinha fazendo, mas que com mais de 60 anos já não teria tanto tempo para isso. Lembrou-se de um período que procurou na religião o que compreendia estar encontrando na análise; refletiu sobre isso. Nesse momento o sentimento de efemeridade apareceu-lhe de modo agudo. Passei a perceber em algumas sessões que, para ela, aquele dia de nosso encontro parecia ser sempre o último. Então, mostrei-lhe isso, mas lhe disse também que sentir

desse modo era interessante, pois ela tentava usufruir do tempo da melhor maneira e, se fosse mesmo o último, poderíamos até dizer que fora um bendito dia! Percebi que ela se aliviou da dor maior e resgatou confiança no tempo vindouro.

Com essa aguda consciência de finitude, com o sentimento do tempo que urge e a vontade de ampliar o conhecimento comigo, conversei com ela sobre sua fantasia de completude, levando-a a reconhecer que o saber seria sempre maior, e a incompletude, a falta, era nossa marca. Percebi que foi se libertando dessa pressão e trabalhando com o que tinha disponível para si, que era a capacidade de sentir e pensar.

Disse-me das leituras que vinha fazendo, músicas que vinha ouvindo, se sentindo mais leve como pessoa, o que compreendi como ampliação de sua mente e de seus laços consigo mesma, com o outro, com a cultura e com o mundo. Trouxe como lembrança da infância a mãe na cozinha fazendo vários doces saborosos, típicos de sua cultura familiar, e que ela, paciente, gostava de fazer doces de figo. A imagem dos figos levou-nos à relação com o seio. Ela se surpreendeu. Completei dizendo-lhe que ao se encontrar comigo se reencontrava com a mãe dentro dela, com a mãe que a alimentava e a alfabetizava, e ela podia sentir o prazer de aprender. Ela silenciou e depois prosseguiu: “é, num tempo é a figueira, noutra os figos, noutra o doce e noutra nós duas aqui falando do sentido disso”, e se emocionou. Eu lhe disse que essas eram as transformações que vivia ali comigo, fazendo novas descobertas sobre questões antigas, encontrando sentidos novos, como a transformação da fruta em doce. Ela silenciou e depois disse: “estava pensando que é preciso um tempo para mexer o doce, engrossar a calda, tempo para descansar e não perder o ponto para não açucarar”. E continuou dizendo que para o doce ela sabia esperar, mas sentia que ali comigo não tinha tanto tempo de vida para o que gostaria de conhecer.

Nesse momento, nos encontrávamos novamente trabalhando na fronteira entre o usufruir das descobertas e a perplexidade diante do fugidio. Disse-lhe, então, que me parecia que sua expectativa ali era aprender comigo a ter paciência consigo mesma em relação à fome de tantas coisas, de se conhecer, ser e viver.

Ela então me disse que fazia tudo exagerado, não sabia fazer uma coisa e depois outra, queria tudo ao mesmo tempo. E continuou: “você é tranquila, acho que é isso mesmo que quero”.

E eu lhe disse apenas: “ando devagar porque já tive pressa!”.^[2] Ela achou graça no que eu disse e falou que então podia ter esperança!

Assim, enfrentávamos a dor das travessias conhecendo o doce sabor do saber, por vezes o acre gosto do saber e do não saber; um trabalho de cooperação e paixão (Bion, 1963/1966), laços fortes de emoções. A dimensão dos sentidos, dos mitos e das paixões guiavam nossos passos: nos abríamos para as sensações conforme o momento sugeria, tal como em relação aos doces e suas transformações em emoções

2. Verso dos compositores e músicos brasileiros Almir Sater e Renato Teixeira (1990), da música “Tocando em frente”, considerada um clássico do gênero sertanejo.

e reflexões sobre o tempo, nos dedicávamos a explorar e compreender seus mitos pessoais, especialmente o de se ver em urgência para que alguma descoberta, um conhecimento novo emergisse e, com paixão, vinculadas afetivamente.

Até que, certa vez, lhe nasceu o desejo de uma viagem ao exterior; queria rever as tias idosas e acreditava que, pela idade avançada delas, essa poderia ser uma viagem de despedida. Contou-me que na primeira viagem que realizou ficou apenas com os parentes, pois queria conhecer a história da família. Com a questão da despedida chegamos a conversar que a morte dos mais velhos, que antecede a dos mais novos, não era garantia a ninguém, e assim ampliamos nossa conversa sobre transitoriedade e incertezas.

Contou-me depois, feliz, que fizera contato com as tias para avisá-las de sua viagem, mas, após algumas semanas silente sobre isso, tive a impressão de que seu entusiasmo então diminuído poderia estar relacionado à viagem. Disse-lhe na sessão apenas que ela me parecia desapontada, ao que ela confirmou seu desalento e o associou a estar ligando repetidamente para as tias sem conseguir falar com ninguém da família. Primeiro imaginou doenças, depois morte, e com essa falta de contato até com os primos, esse silêncio, essa ausência, mobilizou fantasias de que as tias não tivessem vontade de revê-la, e isso a entristeceu muito. Nesse momento, fui tomada por um sentimento de solidão e uma tristeza aguda, então trabalhei com ela sentimentos de abandono e orfandade.

Trabalhando com essa perda, uma vez mais os sentimentos de luto compareceram, mas continuamos o trabalho explorando na direção de que talvez estivesse também angustiada, porque dessa maneira, liberta do compromisso com a família, dessa dependência, poderia fazer seu próprio percurso de viagem e descobertas; assim, deparava-se com a solidão, com o estar diante de si mesma, mas com a liberdade também.

Na semana seguinte comunicou-me que partiria. Eu também sairia em viagem. Entretanto, seu destino foi outro. Ao voltar, fui surpreendida com a notícia de que ela estava internada na unidade de terapia intensiva (UTI), em coma, entre a vida e a morte. Em outra direção, parecia que se realizava agora, para mim, aquela experiência anunciada recentemente no corte de contato com as tias, mobilizando o não saber e uma tristeza infinita.

Seu diagnóstico, segundo o médico intensivista, foi dado como vasculite: inflamação dos vasos sanguíneos. Então, me indagava, o que a teria incitado à morte? Seu entusiasmo em se conhecer já não lhe cabia, explodira? Se a pulsionalidade de Eros sempre nos acompanhou na experiência analítica, mobilizando curiosidade, vitalidade, agora Tânatos emergia, sorrateiro e triunfante? Conteúdo e continente explodidos? Ou as inquietações atuais buscavam o mais regressivo caminho de se aquietar no aconchego do “ventre-terra-mãe” (Bachelard, 1948/2003)? Os sentimentos de solidão e dependência recentemente avivados se mostraram insuportáveis?

III

Em sua análise muitas ideias germinaram, cresceram, se transformaram, muitos lutos foram vivenciados, e renascimentos também. Mas nesse processo, sem o saber, os fios que imaginávamos enlaçar a vida estavam sendo urdidos na proximidade da morte. A urgência com a qual queria sorver a vida nos comunicava a brevidade desta? Como desfecho próximo, fora intuído por ela? Que viagem era aquela que, antes tão desejada, fora retraída e vivida com tanta tristeza pela ausência de contato? E a tristeza com a qual me vi tomada, estimulada pelo seu desalento, poderíamos pensar como sentimentos de um porvir que se realizava? O que entre nós ficara tão impenetrável que não foi possível antever um risco iminente? Naquele momento eu me via só diante dessas perguntas, sentindo sua falta para tecermos juntas esses pensamentos. Agora era eu quem muito desejava saber.

Fui ao seu encontro e senti uma tristeza profunda ao vê-la ali, não mais no divã, cheia de vida, com associações criativas, mas silente, na solidão de um leito que anunciava a morte. Pressenti que eram seus últimos momentos. Pareceu-me que as moiras já haviam decidido e sentenciado: o fio da vida seria definitivamente cortado. A dor, ao mesmo tempo profunda em mim, me manteve calma, ajudando-me a suportar a impotência diante daquela situação irreversível. A serenidade de sua expressão facial me confortava. Diante desse destino implacável, amorosamente o filme *Fale com ela* se reapresentou. Compreendi que ali me estava sendo proposto, uma vez mais, o grande enigma que são a vida e a morte, e pensei, até em tom lúdico, que se a morte oferecesse algum conhecimento, quem sabe ela alcançaria uma experiência e um conhecimento para muito além do que eu poderia oferecer-lhe. Iniciamos a análise com associações ligadas às cesuras de nascimento e, por fim, a cesura de morte anunciava e selava nosso término. Despedi-me, pensando que agora eu era aquela analista que ela imaginara “mais calada”. Soube que assim que a deixei ela faleceu.

Alentou-me, entretanto, saber que ela reavivara sentimentos amorosos em relação aos objetos primários, com os quais pôde fortalecer seus laços de amor e gratidão à vida e pôde, em seus dois últimos anos de vida, usufruir criativamente da psicanálise. Assim, imaginei que esse era o valor da moeda que poderia oferecer a Caronte em sua travessia ao Hades.

Calaram em mim o sentimento de efemeridade e aquela sua impressão tão recorrente de não ter mais tempo de estar comigo; agora, era eu quem sentia que, definitivamente, não teria mais tempo com ela. Tudo fora tão transitório entre nós e ao mesmo tempo tão definitivo. Nesse apagar, agora era a mim que cabia fazer o luto dessa que fora uma presença forte e afetiva, cujas viagens ao interior, juntas, a cada sessão, com um pensamento diferente, com a imaginação ativa, abriam novos caminhos ao conhecimento. Durante muito tempo me senti enlutada. E inspirada pelas lembranças vívidas de nossa relação, me senti fortemente compelida a escrever. O objeto perdido recriara-se em mim, afirmando que “presença não é algo fugaz e passageiro, mas o que aguarda e permanece diante de nós” (Buber, 1974/2003, p. 14).

A escrita, imperiosa, mostrou-se libertadora, reconstruindo laços de vida comigo mesma e com o mundo.

Com os versos de Mia Couto (2016), imagens significativas acalentaram-me, e com elas pude recriar sentidos sobre as tantas cesuras que juntas vivemos:

O morto
abre a terra: encontra o ventre
O vivo
abre a terra: descobre um seio
(p. 121)

Relaciones íntimas de la presencia y la ausencia: lazos de vida y muerte

Resumen: El presente texto muestra una parte de la experiencia analítica en que las relaciones íntimas entre presencia y ausencia crearon las condiciones para un vínculo analítico en transformación, con la oportunidad de desarrollar el conocimiento, la capacidad de “devenir” y la conciencia de lo efímero por medio de las cesuras vivenciadas. Sin embargo, la cesura de muerte de la paciente ha sorprendido a la analista, y la elaboración del duelo se realizó mediante la escritura, haciendo presente de esa manera la ausencia sentida y también resignificando los lazos de vida y muerte.

Palabras clave: presencia, ausencia, cesuras de la vida, cesura de muerte, elaboración

Presence and absence intimate connections: life and death bonds

Abstract: This paper presents part of an analytic experience in which the intimate connections between presence and absence enabled a changing analytic bond, with the opportunity to develop knowledge, the capacity of “becoming” and the awareness of fleetingness through experiences of censorship. However, the patient’s death censorship took the analyst by surprise, as her grief process was carried out through writing, thus making the absence present and giving a new meaning to the bonds of life and death.

Keywords: presence, absence, life censorships, death censorships, process

Referências

Almodóvar, P. (Diretor). (2022). *Fale com ela* [Filme]. El Deseo; Good Machine; Via Digital; Antena 3 Televisión.

- Bachelard, G. (2003). *A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade* (P. Neves, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1948)
- Berman, M. (1997). *Tudo que é sólido desmancha no ar: as aventuras da modernidade* (C. F. Moisés e A. M. L. Ioriatti, Trans.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1982)
- Bion, W. R. (1966). *Os elementos da psicanálise* (J. Salomão e P. D. Corrêa, Trans.). Zahar Editores. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion, W. R. (1973). *Atenção e interpretação: uma aproximação científica à compreensão interna na psicanálise e nos grupos* (C. H. Afonso, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Bion, W. R. (1981). Cesura (M. T. M. Godoy, Trad.). *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15(2), 123-136. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. R. (2017). *Seminários italianos* (A. G. Growald, Trad.). Blucher; Karnac. (Trabalho original publicado em 1985)
- Buber, M. (2003). *Eu e Tu* (N. A. von Zuben, Trad.). Centauro Editora. (Trabalho original publicado em 1974)
- Chuster, A. et al. (1999). *W. R. Bion: novas leituras: Vol. 1. A psicanálise: dos modelos científicos aos princípios ético-estéticos*. Companhia de Freud.
- Couto, M. (2016). Pequeninura do morto e do vivo. In *Poemas escolhidos* (p. 121). Companhia das Letras.
- Grotstein, J. S. (2010). *Um facho de intensa escuridão: o legado de Wilfred Bion à psicanálise* (M. C. Monteiro, Trad.). Artmed. (Trabalho original publicado em 2007)
- Sater, A., & Teixeira, R. (Compositores). (1990). Tocando em frente [Música]. In M. Bethânia, 25 anos. Philips.

Maria Aparecida Sidericoudes Polacchini

Endereço: Rua João Teixeira, 139, Santa Cruz. São José do Rio Preto/SP.

CEP: 15014-180

Tel.: (17) 99601-8902

E-mail: maria.sidericoudes@gmail.com